

VIVENCIANDO O AMOR EM O OLHO MAIS AZUL

Danielle Gomes Mendes*

Naiara Sales Araújo Santos**

RESUMO: O presente trabalho tem como objetivo analisar a obra de Toni Morrison, *O olho mais azul*, a partir da temática do amor. Para tanto, procuramos retratar como o amor é concebido por pessoas negras, neste caso, negros americanos. Neste intuito, focamos, sobretudo, na personagem Cláudia, suas vivências e reflexões sobre o amor, as quais são concebidas de acordo com sua condição social de subalterna. Como aporte teórico, nos fundamentamos nas considerações de: Stuart Hall, Thomas Bonnici, Bell Hooks, Frantz Fanon. Como metodologia de pesquisa utilizamos a pesquisa bibliográfica, pressupostos da crítica literária afro-americana, teoria do discurso pós-colonial e crítica literária feminista. A partir da análise, é possível perceber que a experiência da escravidão influenciou o negro americano em sua forma de enxergar o mundo, a si mesmo e como as impressões apreendidas nessas vivências também marcaram a literatura afro-americana.

Palavras-chave: Colonialismo; Toni Morrison; O olho mais azul; Amor.

ABSTRACT: This article aims to analyze the literary work "*The bluest eye*", by Toni Morrison, from the perspective of love. For this purpose, it takes into account how love is conceived by black people, in this case, American blacks. In this regard, it focuses, above all, on the character Claudia, her experiences and reflections about love, which are conceived according to her social status as subaltern. As a theoretical contribution, it is based on the considerations of Stuart Hall, Thomas Bonnici, Bell Hooks, Frantz Fanon. As a research methodology it was used bibliographical research, assumptions of African-American literary criticism, postcolonial discourse theory and feminist literary criticism. From the analysis, we can see that the experience of slavery influenced the american black in his way of seeing the world and himself and how impressions apprehended in these experiences also marked the American literature written by blacks.

Keywords: Colonialism; Toni Morrison; The Bluest eye; Love.

INTRODUÇÃO

Os registros históricos comprovam que as grandes batalhas ocorridas em diferentes épocas buscavam a conquista de territórios e riquezas. Os vitoriosos, para aumentar seu poder, acabavam dominando e escravizando os derrotados. Edward Said (1995, p. 40) conceitua essa noção de império como “a prática, a teoria e as atitudes de um centro metropolitano dominante governando um território distante”. Essa ideia remete ao colonialismo praticado pelas grandes

* mestranda no programa de pós-graduação em Letras da Universidade Federal do Maranhão

** Professora Doutora em literatura comparada pela Universidade Metropolitana de Londres

civilizações da Antiguidade. Atitude semelhante tiveram os europeus por volta do século XVI, quando deram início à expansão colonial europeia, no entanto, este colonialismo praticado após o Renascimento se diferencia, pois ambicionava muito mais.

Segundo John McLeod (2000), o colonialismo moderno cobiçava lucros, isto é, era uma ação comercial que angariava abastanças a partir da exploração, dominação e sujeição de indivíduos. No entanto, os danos causados pela ação colonizadora europeia não se restringiam somente a extorquir as riquezas dos nativos, mas, como destaca Thomas Bonnici (2005, p. 22),

Reestruturavam as economias dos países colonizados, de tal modo que o relacionamento entre colonizador e colonizado ficou mais complexo e intricado, envolvendo o intercâmbio entre recursos materiais e humanos trocados entre ambos. Consequentemente, essa colonização devastou a cultura, às vezes milenar, de muitos povos a qual foi substituída por uma cultura eurocêntrica e cristã.

Em outras palavras, a Europa a fim de impor sua cultura, suplantou, na grande maioria das vezes, a cultura do nativo. A exploração material era apenas um dos pontos dentro do grande projeto colonialista europeu: de fabricar um novo mundo à sua imagem e semelhança. Era necessário moldar aqueles que estavam fora do padrão.

Sendo assim, o colonialismo europeu, motivado pelo desejo de acumular riquezas para o enriquecimento da metrópole, devastou os territórios dos lugares invadidos, destruindo não só culturas, histórias, mas, principalmente, violando as subjetividades dos nativos. Suas vidas não foram as mesmas desde a chegada do primeiro europeu em suas terras.

Dentre os povos mais atingidos, podemos citar os afrodescendentes. Submetidos a várias ondas de diásporas, tornaram-se sujeitos fragmentados. Como ressalta Thomas Bonnici (2009, p. 277- 278), “a partir da perspectiva diaspórica, pode-se dizer que as condições translocais formam zonas de conflitos e sujeitos fragmentados”.

Podemos estabelecer a relação dessa afirmação com as constatações de Stuart Hall (2011, p. 30-31), “o conceito fechado de diáspora se apoia sobre a concepção binária de diferença. Está fundado sobre a construção de uma fronteira de exclusão e depende da construção de um ‘Outro’ e de uma oposição rígida entre o dentro e fora”. Ou seja, as amargas experiências vividas por sujeitos diaspóricos alteram sua maneira de ver o mundo e,

principalmente, a si mesmo. Seus parâmetros identitários são construídos a partir de um *Outro*, neste caso, o que retém o poder, o colonizador.

Essa foi a realidade do negro americano, ao ser deslocado para as terras do Novo Mundo, suas subjetividades foram violadas não só por causa dos séculos de escravidão que viveriam pela frente, mas justamente pelos períodos posteriores a sua emancipação, pois mesmo após a abolição da escravidão, por volta do século XIX, tiveram que lutar em busca de uma cidadania autêntica que lhe dessem seus direitos fundamentais como qualquer outro cidadão, já que estavam segregados por leis discriminatórias, que determinavam os espaços que poderiam ocupar.

Essa longa jornada permeada de opressão interferiu nas sensibilidades do povo negro. Seus relacionamentos interpessoais não aconteceram da mesma forma que aconteceram para os brancos. O negro americano quase não pôde criar laços afetivos ou fazer parte de um seio familiar, pois carregava o estigma da escravidão e do racismo. A qualquer momento poderia ser vendido, assassinado, ou, na melhor das hipóteses, se tornar um fugitivo. Desta forma, qualquer que fosse seu destino, a probabilidade de permanecer com sua família era mínima.

Essas vivências marcam as composições artísticas do povo negro, inclusive a literatura. A literatura afro-americana traz ressentimentos dos negros, que foram adquiridos a partir de suas dolorosas experiências. Geralmente são obras com discursos de resistências e fortes críticas à supremacia branca que permeou a sociedade estadunidense por séculos.

Os autores negros americanos buscam enfatizar os momentos de opressões que viveram, já que outrora estavam silenciados. Dentre os importantes autores engajados nas causas afros, destaca-se Toni Morrison, uma das principais escritoras negras americanas, que escreve literaturas enaltecendo a figura do negro e criticando as ideologias segregacionistas que oprimiram seu povo.

O seu primeiro romance, *O olho mais azul* (1970), traz de forma explícita essas críticas. Morrison mostra o que o preconceito pode causar em uma comunidade, não só nos oprimidos, mas também nos que oprimem, inclusive a indivíduos suscetíveis a fortes danos como as crianças.

Baseado nas concepções, principalmente, da crítica literária e socióloga feminista afro-americana, Bell Hooks [1993?], o presente trabalho tem como objetivo analisar a obra *O olho mais azul* (1970), da autora Toni Morrison, a partir da temática do amor. Para tanto, procuramos retratar como o amor é concebido por pessoas negras, neste caso, negros americanos. Neste intuito, focamos, sobretudo, na personagem Cláudia, suas vivências e reflexões sobre o amor.

2. O AMOR EM O OLHO MAIS AZUL

Toni Morrison é uma escritora afro-americana conhecida por produzir uma literatura de resistência e politizada, que enaltece a figura do afrodescendente e suas pelejas na sociedade racista estadunidense. Em suas narrativas, a autora evidencia a questão da mulher negra e sua trajetória de luta contra a opressão sexual, étnica e de gênero. As temáticas abordadas em suas obras, geralmente, retratam mulheres negras que sofrem violações em suas histórias e são objetos de subversões.

As obras de Morrison pertencem à literatura afro-americana, originada logo após o fim da escravidão nos Estados Unidos e que ganhou maior notoriedade na década de 1920, durante o *Renascimento do Harlem*, movimento político-cultural promovido pela comunidade negra americana. Esse movimento buscava difundir e valorizar as artes, cultura e a beleza afrodescendente.

Em seu primeiro romance, *O olho mais azul*, escrito por volta de 1968 e publicado em 1970, Morrison elege Lorain, Ohio, Estados Unidos, como cenário para desenrolar a história de seus protagonistas. A história se passa em uma comunidade onde a grande maioria de seus moradores são negros e pobres. Nesse bairro, moram várias famílias negras que estão lutando para sobreviver, após o fim da Grande Depressão, no ano de 1940. Além dos Breedlove, a família considerada mais preta, mais suja, mais pobre e mais feia, também vivem os MacTeers, uma família pobre, mas com uma estrutura familiar mais sólida do que a dos Breedlove.

Pecola Breedlove, a protagonista da obra de Morrison, não tão diferente das outras meninas, ela idolatra as mulheres e meninas brancas e deseja fortemente ter os olhos azuis e a cor da pele branca. É em torno desse desejo que a obra se desenvolve.

Cláudia e Frieda Mactears são as melhores amigas de Pecola. Quando Pecola engravida do próprio pai, após ser estuprada, suas amigas são as únicas que não a repugnam, inclusive chegam a fazer uma promessa para que o bebê de Pecola sobreviva, mas ele morre causando enorme frustração nas meninas, principalmente, na mais nova, Cláudia.

Toni Morrison torna a trama de *O olho mais azul* (1970) mais realista, quando traz à tona os sentimentos de seus personagens. Por meio do monólogo interior e do fluxo de consciência (recursos estilísticos de escrita literária), a autora faz com que o leitor esquadrinhe os pensamentos e sentimentos dos personagens. O amor é um dos sentimentos abordados de maneira peculiar nessa obra.

A menina Cláudia é a primeira personagem que faz referência ao amor na obra de Morrison. Após refletir sobre vários momentos de sua vida, ela chega a algumas conclusões sobre esse sentimento. Cláudia Mactears mora com seus pais e sua irmã, Frieda. Um dia após buscar carvão com sua família, Cláudia adoece e conta como a mãe reage:

Quando tusso uma vez, alto, com brônquios já contraídos por causa do catarro, minha mãe fecha a cara. '[...] Quantas vezes tenho que dizer que você precisa usar alguma coisa na cabeça? Você deve ser a maior tonta da cidade'. [...] Arrasto os pés até a cama, cheia de culpa e autocomiseração[...] Ninguém fala comigo nem me pergunta como me sinto. [...] A voz da minha mãe continua com a lengalenga. [...] A raiva da minha mãe me humilha, suas palavras me esquentam as bochechas, e estou chorando. Não sei que ela não está zangada comigo, e sim com a minha doença. Acho que ela despreza minha fraqueza por deixar a doença “tomar de conta”. Um dia não vou mais ficar doente, vou me recusar a ficar doente. Mas no momento estou chorando [...] não consigo parar. (MORRISON, 1970, p. 16).

A mãe de Cláudia fica indignada por vê-la doente. Reclama com a própria filha, esperando que ela seja mais forte e que a doença não possa abate-la. A menina deseja corresponder aos desejos da mãe: “um dia não vou mais ficar doente, vou me recusar”. Ser mais forte que as circunstâncias e reprimir emoções parecem ser uma regra de sobrevivência.

Normalmente, em uma situação de enfermidade, espera-se que os pais se importem com os filhos doentes e os tratem com paciência e dedicação, no entanto percebemos que não

é dessa forma que Cláudia é tratada, pelo contrário, o comportamento da Sra. MacTeer demonstra que a doença da filha mais parece um fardo ou que a menina era responsável por estar enferma.

A socióloga e crítica literária afro-feminista Bell Hooks [1993?] afirma que essa era uma realidade das famílias negras americanas:

Tradicionalmente, as famílias do Sul do país ensinavam as crianças ainda pequenas que era importante reprimir as emoções. Normalmente as crianças aprendiam a não chorar quando eram espancadas. Expressar os sentimentos poderia significar uma punição ainda maior. Os pais avisavam: "Não quero? ver nem uma lágrima". E se a criança chorava, ameaçavam: "Se não parar, vou te dar mais uma razão para chorar".

A mesma autora ainda ressalta que essa foi uma das sequelas deixadas pela escravidão. Os tratamentos recebidos pelos senhores de escravo criaram no negro uma resistência a serem afetuosos e, em contrapartida, internalizaram a relação abusiva com a qual eram tratados e da mesma forma reproduziram em suas crianças. Hooks [1993?] aponta que:

Como é possível diferenciar esse comportamento daquele do senhor de engenho que espancava seu escravo sem permitir que ele experimentasse qualquer forma de consolo, ou mesmo que tivesse um espaço para expressar sua dor? E se tantas crianças negras aprenderam desde cedo que expressar as emoções é sinal de fraqueza, como poderiam estar abertas para amar? Muitos negros têm passado essa ideia de geração a geração.

As ideias de Hooks [1993?] se confirmam com as últimas conjecturas de Cláudia quando se lembra desses momentos:

Mas realmente foi assim? Tão doloroso quanto me lembre? Só levemente. Ou melhor, foi uma dor produtiva e frutífera. Foi **amor**, denso e escuro como xarope Alaga, que se aliviou tapando aquela janela rachada. Por toda parte na casa eu sentia o cheiro dele – o gosto dele – doce, rançoso[...] Assim, quando penso em outono, penso em alguém que tem mãos fortes e não quer que eu morra. (MORRISON, 1970, p. 16, grifo nosso).

Apesar de ríspido e gélido, Cláudia conclui que o que recebeu na infância foi amor, embora “denso e escuro”. O uso de verbos no passado: “foi, aliviou, sentia”, demonstram que Cláudia pode estar falando de outro momento, como uma recordação da própria infância. Vale

ressaltar, que essa característica também faz parte da técnica estilística utilizada pela autora: a narração deliberada e a partir de várias perspectivas.

Quando a mãe de Cláudia canta *blues*, ela reflete sobre as letras:

Se minha mãe estava disposta a cantar, não era tão mau. Ela cantava sobre tempos difíceis, tempos ruins e sobre tempos em que alguém se-foi-e-me-deixou. Mas a voz dela era tão suave e os olhos tão enternecidos quando cantava [...] Eu ansiava pela época deliciosa em que ‘o meu homem’ me abandonaria, em que eu odiaria ‘ver aquele sol do entardecer se pôr...’, porque aí eu saberia que ‘meu homem foi embora da cidade’. O sofrimento, matizado pelos verdes olhos azuis na voz da minha mãe, eliminava todo o pesar das palavras e me deixava com a convicção de que a dor era não só suportável como doce também. (MORRISON, 1970, p. 29).

Certamente, não de forma aleatória, Morrison insere uma das maiores heranças culturais afros em sua ficção, o ritmo musical *Blues*. Vale ressaltar que o *Blues* se originou da tradição oral e popular africana, trazida pelos nativos para o solo americano, quando estes foram deslocados forçadamente para trabalharem como escravos nas plantações das fazendas estadunidenses.

Desta forma, os negros materializaram seus sentimentos em palavras e a elas deram ritmo e melodia, fazendo surgir assim um dos gêneros musicais que mais expressa o sofrimento vivido pelos escravos e afrodescendente nos Estados Unidos, qual seja, o *Blues*.

Ao inserir um elemento real da tradição afro-americana em sua ficção, Morrison não só retrata a cultura afro, mas, neste caso, levanta uma realidade cantada nas letras e verdadeiramente vivida pelo afrodescendente: o abandono. Hooks [1993?] afirma:

Nossas dificuldades coletivas com a arte e o ato de amar começaram a partir do contexto escravocrata. Isso não deveria nos surpreender, já que nossos ancestrais testemunharam seus filhos sendo vendidos; seus amantes, companheiros, amigos apanhando sem razão. Pessoas que viveram em extrema pobreza e foram obrigadas a se separar de suas famílias e comunidades, não poderiam ter saído desse contexto entendendo essa coisa que a gente chama de amor.

A escravidão impôs ao negro americano o abandono não só de suas origens, sua cultura, mas também de seus semelhantes. Bell Hooks [1993?] afirma que o negro “aprendeu” a abandonar. Essa aprendizagem se deu por meio da incerteza de sua sobrevivência. Em

concordância com as afirmações de Bell Hooks [1993?], podemos citar as constatações de Frantz Fanon (2008, p.77) quando reflete sobre os sentimentos de um homem negro,

Não quero que me amem. Por quê? Porque um dia, há muito tempo, esbocei uma relação objetual e fui *abandonado*. Nunca perdoei minha mãe. Tendo sido abandonado, farei sofrer o outro, e abandoná-lo será a expressão direta de minha necessidade de revanche. Não quero mais ser amado e fujo do objeto do meu amor. Adoto uma posição de defesa. E se o objeto persiste, declaro: não quero que me amem.

Os negros não podiam construir laços, pois seu futuro era incerto. Por isso entenderam que “desatá-los” era o mais apropriado para sua realidade. É exatamente isso que a menina Cláudia aprende também, quando anseia viver o abandono, cantado nas letras de *blues*. Tem certeza de que isso acontecerá com ela, então conclui que “a dor era não só suportável como doce também”, ou seja, a dor é transmutada para algo doce, aceitável. Tais sentimentos concatenam com a própria história do *blues*, a dor transformada em arte.

Em outro momento da narrativa, Cláudia volta a associar o amor ao abandono. Após a primeira menstruação de Pecola, as meninas conversam na cama antes de dormir:

Naquela noite, na cama, nós três ficamos deitadas imóveis. Estávamos cheias de admiração e respeito por Pecola [...] Depois de muito tempo ela disse bem baixinho: “é verdade que agora eu posso ter um bebê?”. “Claro”, respondeu Frieda, sonolenta [...] “Mas... como?” A voz dela soava abafada de assombro. “Ah”, disse Frieda, “Alguém tem que **amar você**” [...] Houve uma longa pausa em que Pecola e eu pensamos nisso. Ia envolver, pensei, “o meu **homem**”, que antes de **me abandonar, me amaria**. Mas não havia bebês nas canções que a minha mãe cantava. Talvez fosse por isso que as mulheres ficavam tristes: **Os homens iam embora** antes de elas conseguirem fazer um bebê. (MORRISON, 1970, p. 35, 36, grifo nosso).

Cláudia mais uma vez reflete sobre o amor, no entanto suas conjecturas ganham novos significados ao ouvir os questionamentos de Pecola sobre “como fazer para alguém amar a gente”. A menina associa o sentimento à figura masculina: o homem que, apesar de amá-la, a abandonara.

No entanto, o fato de não ter bebês nas músicas a intriga. O interessante das observações de Cláudia é que ela faz referência a uma tristeza que acompanha as mulheres. Por não saber ao certo o que provoca essa tristeza ela imagina que seja o fato de que “os homens

iam embora antes de elas conseguirem fazer um bebê”. Bell Hooks [1993?] acredita que esse abandono entre os negros também é uma sequela da escravidão,

Num contexto onde os negros nunca podiam prever quanto tempo estariam juntos, que forma o amor tomaria? Praticar o amor nesse contexto poderia tornar uma pessoa vulnerável a um sofrimento insuportável. De forma geral, era mais fácil para os escravos se envolverem emocionalmente, sabendo que essas relações seriam transitórias. A escravidão criou no povo negro uma noção de intimidade ligada ao sentido prático de sua realidade.

Em concordância, podemos citar as constatações de Florival Cacéres (1996, p. 236),

Os escravos americanos estavam proibidos de possuir bens, [...] tratar qualquer homem livre com desrespeito e casar-se. Nesse último caso, os senhores fechavam os olhos, permitindo que eles amancebassem para gerar novos escravos. O escravo e a sua família pertenciam legalmente ao senhor, que podiam desfazer a família e vender cada membro separadamente.

Assim, na perspectiva de Hooks [1993?], a falta de oportunidade de viver e expressar o amor impossibilitou ao negro idealizar relacionamentos mais duradouros. Imaginar que seus caminhos eram incertos causava-lhes a sensação de afetos efêmeros.

No decorrer da obra, acontecem fatos trágicos. Dentre eles, o mais forte é o estupro da menina Pecola praticado por seu pai Cholly. Como resultado desse abuso ela engravida. Cláudia e a irmã Frieda desejam que o bebê de Pecola sobreviva, para isso até plantam sementes de cravo-de-defunto, que as meninas acreditam serem mágicas e chegam a fazer uma promessa, mas as sementes não florescem, e o bebê nasce morto. Pecola fica louca vagando pelo lixão da cidade. É Cláudia quem encerra a obra:

E agora quando a vejo remexendo no lixo – procurando o quê? Aquilo que assassinamos? Digo que não plantei as sementes fundo demais, a culpa foi do solo, da terra, da nossa cidade. Agora até penso que a terra do país inteiro era hostil a cravos-de-defuntos naquele ano. Este solo é ruim para certos tipos de flores. Não nutre certas sementes, não dá certos tipos frutos, e quando a terra mata voluntariamente, aquiescemos e dizemos que a vítima não tinha direito de nascer (MORRISON, 1970, p. 205 - 207).

No trecho supramencionado, percebemos a indignação de Cláudia com o solo. Ela não se culpa pela morte do bebê de Pecola, pois acredita que foi a terra quem rejeitou as sementes. Se levarmos em consideração que a terra é o próprio solo americano, podemos identificar uma crítica em relação à opressão direcionada ao povo afrodescendente. Séculos de

escravidão, seguidos por longos períodos de segregação e, posteriormente, racismo e discriminação social.

As flores são metáforas do povo negro, que, mesmo após a liberdade continuou escravizado pela supremacia branca. Em sua longa trajetória de lutas por reconhecimento de sua cidadania, os negros americanos sofreram, não só com a segregação, mas com a violência, sob a justificativa de que, como afirma Morrison (1970), “não tinham o direito de nascer”.

Diante deste cenário, concordamos com Bell Hooks [1993?], quando reflete sobre a dificuldade do povo negro em amar. As duras experiências da escravidão feriram o povo negro, impossibilitando-o de vivenciar o amor como verdadeiramente deveria ser experimentado. Por fim, encerramos nossa análise com a consideração de Bell Hooks [1993?] que concatena com as últimas considerações da menina Cláudia:

Nós negros temos sido profundamente feridos, como a gente diz, "feridos até o coração", e essa ferida emocional que carregamos afeta nossa capacidade de sentir e conseqüentemente, de amar. Somos um povo ferido. Feridos naquele lugar que poderia conhecer o amor, que estaria amando. A vontade de amar tem representado um ato de resistência para os Afro-Americanos. Mas ao fazer essa escolha, muitos de nós descobrimos nossa incapacidade de dar e receber amor.

Assim, a obra de Morrison mostra na ficção a realidade vivida pelo povo negro americano. Suas dificuldades em entender o amor em todas as suas dimensões e, principalmente, em vivê-lo resultam da escravidão e foram fortalecidas pelo preconceito da classe branca racista estadunidense que continuou a segregar, durante os anos posteriores, causando feridas no lugar que deveria reter e distribuir amor.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este artigo propôs analisar a visão do negro sobre o amor retratada na obra *O olho mais azul* (1970), da autora afro-americana Toni Morrison. Para fazer tal análise, elegemos uma única personagem, a menina Cláudia e então relacionamos suas vivências aos pressupostos, sobretudo, da crítica e socióloga afro-americana Bell Hooks [1993?].

Por meio dessa análise, observamos a perspectiva do amor a partir de outra forma de concepção. O amor retratado e analisado partia da origem da dor, da ausência de afetuosidade entre os negros americanos, causados pelo abandono (do homem, familiares, amigos) e da discriminação da população branca com a etnia afrodescendente.

Mediante o olhar da personagem Cláudia, pudemos observar tais características na forma como o negro americano concebe o amor. Apesar de ficcionais, tais considerações concatenam com a análise da autora Bell Hooks [1993?] sobre as relações afetivas do povo afro-americano.

É interessante ressaltarmos também o relacionamento dos afrodescendentes com o solo americano. O discurso final de Cláudia parece-nos um “grito” da própria autora, relembrando não só a escravidão, mas, principalmente, reprovando a subjugação por causa das origens, cor de pele, cultura de seu povo. Quando Morrison critica o solo, acusando de não ser fértil para todos os tipos de flores, nos faz lembrar também o período em que os africanos foram trazidos para o Novo Mundo. Por mais que ali estivessem vivendo para transformar as terras americanas em um lugar mais rico, eram vistos apenas como insignificantes escravos, meros instrumentos laborais, sem direito algum.

Desse modo, o povo negro entregou o corpo e a alma como sumo para o solo americano se fertilizar, porém quase não colheram os frutos dessa dedicação. As sementes foram plantadas em solo estrangeiro, conquanto floresceram minguadas ao logo do tempo, no entanto suas sementes serviram de adubo; no máximo, um mero adubo para nutrição dos frutos da classe branca dominante. Estes sim colheram em abundância, não só os seus, mas também os frutos dos seus subalternos.

Como dito, esses contextos vividos pelo povo afrodescendente interferiram diretamente em seus relacionamentos interpessoais, principalmente, em sua capacidade de amar. Percebemos que a menina Cláudia aceitava sentimentos negativos, como dor, tristeza, abandono, como previsibilidade de sua vida. Visão esta também reforçada pelo próprio contexto em que vivia.

Por fim, entendemos que a experiência da escravidão influenciou o negro americano em sua forma de enxergar o mundo e a si mesmo, e as impressões apreendidas nessas vivências também marcaram a literatura americana escrita por negros.

REFERÊNCIAS

BONNICI, T.; ZOLIN, L. O. (Org). Teoria Literária: **Abordagens históricas e tendências contemporâneas**. 2º edição. Maringá: Eduem, 2009.

CACÉRES, F. **História Geral**. São Paulo: Editora Moderna, 1996.

HALL, S. **Da diáspora: identidades e mediações culturais**. 1º Edição atualizada, Belo Horizonte: UFMG, 2011.

HOOKS, B. **Vivendo de amor**. [1993?]. Disponível em https://drive.google.com/file/d/0B2_ZKqR9WEKZDk4ZTM3MDQtNTlkZS00NjAxLTkyYWQtMDc4YzUwNDgxYmY4/view?pref=2&pli=1. Acesso em: 27 março. 2016.

McLEOD, J. **Begging Postcolonialism**. London: Manchester, 2000.

MORRISON, T. **O olho mais azul**. Trad. Manuel Paulo F. São Paulo: Companhia das Letras, 1970.

SAID, E. **Cultura e imperialismo**. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

Recebido em julho de 2017

Publicado em dezembro de 2017